

Cibercultura: Uma Realidade no Mundo Virtual

Patrícia de Oliveira Gasieri Cella*

Resumo: O presente artigo pretende discutir como as novas tecnologias, em particular a Internet, vêm criando uma nova sociedade de informação, uma sociedade livre para buscar tudo o que é de seu interesse, criando também novas formas de agir, pensar, interagir, trocar informações: a cibercultura. Foram estudados autores de ideologias diversas sobre o tema e analisou-se cada argumento. Conclui-se que para um futuro com mais humanidade do que interatividade é preciso agilizar uma nova forma de pensar a educação, para assim criar usuários mais críticos e mais humanos. Criar uma cibercultura sem desigualdades, sem exclusão digital.

Palavras-chaves: Cibercultura, exclusão digital, Internet •

Cyberculture: Reality in the virtual world

Abstract: This present article intends to argue as the new technologies, in particular the InterNet, come creating a new society of information, a free society to search everything what it is of its interest, being also created new forms to act, to think, to interact, to change information: the ciberculture. One studied authors of diverse ideologies on the subject and analyzed each argument. One concludes that for a future with more humanity of whom interactily is necessary to speed a new form to think about the education, thus to create more critical and more human users. To create a ciberculture without inequalities, without digital exclusion.

Keywords: Ciberculture, digital exclusion, InterNet

Introdução

Hoje vivemos num mundo globalizado! Esta afirmação vem sendo feita há alguns anos por inúmeros intelectuais, pesquisadores, estudiosos, jornalistas, e agora até mesmo por crianças. A globalização tem sua origem no nascimento das grandes navegações, no final do século XIII. Porém, somente com a chegada da revolução elétrica (telégrafo, telefone, rádio e televisão), nos meados do século XIX, foi que a globalização ganhou força e conseguiu fazer o homem chegar aonde nunca havia sonhado, sem mesmo precisar sair de onde estava. Mas a globalização somente

* Docente do Cesumar

conseguiu quebrar fronteiras quando as telecomunicações chegaram à era dos satélites de comunicação, à era da Internet.

Conforme Heerdt (2000) "A Internet é a auto-estrada da informação. É ela que está dando vida à informação global, abrindo muitas possibilidades de desenvolvimento".

A verdadeira globalização se desenvolveu no século XX, com a chegada dos avanços tecnológicos. A Internet, como mediadora desta transformação mundial, vem também criando uma nova cultura e modificando as formas de produção e apropriação dos saberes: a cibercultura.

Essa mudança, como tantas outras, causa desconfiança para uns e esperança em outros.

Neste artigo discutiremos como as novas formas de construção e apropriação de saberes pode influenciar a educação, e como preparar os indivíduos para essa nova cultura.

Mudanças tecnológicas: apreensão e esperança

A evolução científica nos permitiu (ou a isso nos obrigou) que a tecnologia fosse incorporada em quase todas as esferas da cultura. Não estamos falando somente de tecnologias recentes, pois quando se fala de tecnologia pensa-se somente em informática, indústrias e parafernálias que vemos serem criadas e fabricadas.

A palavra tecnologia tem a ver com técnica (originária do verbo grego *ticein* que significa criar, produzir, conceber, dar à luz). A técnica está relacionada com a mudança de modalidade da produção. O produtor muda a forma de operar e o resultado dessa mudança afeta a comunidade beneficiada.

A partir da Revolução Industrial, a palavra técnica teve seu uso com sentido restrito a instrumentos, pois o mais importante era o produto. Hoje a palavra tecnologia possui um significado mais amplo, porém ainda existe uma forte tendência a ser ligada a instrumentos.

A tecnologia vem sendo usada desde o início da história da humanidade e sempre teve aliados e inimigos. São historicamente conhecidos o estranhamento e o desconforto que invenções tecnológicas geraram nas pessoas. Antes de a tecnologia ser interiorizada pelas pessoas não é fácil conseguir compreender de forma clara como essas mudanças afetarão nossas vidas e quais as suas reais conseqüências.

Primeiramente iremos colocar itens desfavoráveis às novas tecnologias. A incógnita sobre as conseqüências das novas tecnologias leva muitos a colocarem-se incondicionalmente contra qualquer inovação tecnológica. É o caso dos tecnófobos, ou apocalípticos, no termo de Umberto Eco.

Na Grécia antiga eles já existiam e eram bem representados por Sócrates, que via na escrita, que se sedimentava naquele momento histórico, uma verdadeira ameaça à memória, pois, na idéia daquele filósofo, a escrita enfraquece a mente. Sócrates, que nunca escreveu uma só palavra e teve seus pensamentos escritos por Platão, ainda dizia que a escrita era inumana, pois pretendia estabelecer fora da mente o que na realidade só pode estar na mente. O problema principal dos argumentos de Platão (pensamentos de Sócrates) contra a escrita é que ele teve que usá-la para estabelecê-los.

Heidegger (*apud* Franco, 1999), pensador alemão, foi um dos primeiros a mostrar o que representavam as novas técnicas da informação para a Filosofia. Ele percebia que a informática (que nos seus primeiros momentos chamava-se cibernética) levaria às seguintes conseqüências: determinação do homem como ser ligado à práxis; a transformação da linguagem em troca de mensagem; o desaparecimento da necessidade de questionar a técnica, já que ela irá marcar, irá orientar todas as manifestações do Planeta. A racionalização técnico-científica possui uma inegável eficácia, que na visão de Heidegger era preocupante: o triunfo dessa racionalidade técnica.

Segundo *Ibid* (*apud* Franco, 1999), "o homem virtual, imóvel diante do computador, faz amor pela tela e faz cursos por teleconferências. Torna-se um deficiente motor, e provavelmente cerebral também. Esse é o preço para que ele se torne operacional." Ainda coloca:

Há no ciberespaço a possibilidade de realmente descobrir alguma coisa? Internet apenas simula um espaço de liberdade e de descoberta. Não oferece, em verdade, mais do que um espaço fragmentado, mas convencional, onde o operador interage com elementos conhecidos, *sites* estabelecidos, códigos instituídos... Toda pergunta encontra-se atrelada a uma resposta preestabelecida (*Ibid, apud* Franco, 1999)

Armstrong coloca que toda a propaganda positiva sobre o uso dos computadores tem objetivos econômicos muito explícitos. Cada *link* leva a páginas (preestabelecidas) onde existem inúmeras propagandas para criar consumidores. Além disso, por trás desse positivismo sobre a Internet estão as indústrias de informática:

O uso da Internet para montar campanhas publicitárias contundentes dirigidas às crianças trouxe uma nova dimen-

são à infiltração de valores e objetivos empresariais para dentro da sala de aula. As companhias de computador há muito conhecem as vantagens de defender o uso do computador nas escolas dando-lhes equipamentos e softwares, pois isso ajuda a construir uma base de consumidores, usuários leais. Atualmente, une-se a elas uma explosão de outras companhias que entenderam o potencial da Internet como meio de anunciar seus produtos diretamente aos estudantes (Armstrong, 2001: 141).

Ibid (*apud* Franco, 1999) ainda afirma que um dos grandes problemas da virtualidade é “o desaparecimento do espaço, agora impalpável, da falta de identidade e da alteridade, a falta de referência às coisas.”

Podemos ver isso na Internet o tempo todo, onde pessoas “batem papo” com várias outras utilizando-se de apelidos, sexo, aparência e profissões diversas. Também vemos o comércio eletrônico se multiplicar em *sites* de leilões virtuais, nos quais o vendedor não sabe para quem vende, nem para onde vende e se vai realmente receber o pagamento; o comprador não conhece o vendedor e qual a origem da mercadoria (lícita ou ilícita) e não sabe se irá receber a mercadoria ou um lindo embrulho com um tijolo dentro.

Num universo em que tudo se comunica, sem que se saiba a origem da emissão, sem que se possa determinar quem fala, o mundo técnico ou nós mesmos, nesse universo sem hierarquias, salvo emaranhadas, em que a base é o cume, a comunicação morre por excesso de comunicação e se acaba numa interminável agonia de espirais (Sfez, *apud* Franco, 1999).

O homem criou uma tecnologia para trabalhar por ele, pesquisar por ele, divertilo, e acabou por tornar-se dependente dessa tecnologia que foi feita para libertá-lo.

A virtualidade aproxima-se da felicidade somente por eliminar sub-repticiamente a referência das coisas. Dá tudo, mas sutilmente. Ao mesmo tempo, tudo esconde. O sujeito realiza-se perfeitamente af, mas quando está perfeitamente realizado, torna-se, de modo automático, objeto; instala-se o pânico (Ibid *apud* Franco, 1999).

Nesse segundo momento iremos colocar o pensamento dos tecnófilos, ou integrados, no termo de Umberto Eco, que vêem na informática uma solução para muitos problemas.

Segundo Cañellas (*apud* Tjara, 2001), “os integrados entendem a tecnologia como neutra, objetiva, positiva em si mesma e científica. Incorporá-la é sinônimo de progresso (...)”.

Ong (*apud* Franco, 1999) afirma que “assim como Platão tinha receios contra a escrita, muitos hoje têm também em relação à informática, e usam dos mesmos argumentos, colocando que o computador irá deixar os indivíduos menos inteligentes”. Hoje vemos que a escrita não deixou as pessoas burras, ao contrário, é uma ferramenta indispensável para a educação.

Platão estava pensando na escrita como uma tecnologia eterna, hostil, como muitas pessoas atualmente fazem em relação ao computador. Em virtude de termos hoje interiorizado a escrita, absorvendo-a tão completamente em nós mesmos, de uma forma que a era de Platão ainda não fizera, julgamos difícil considerá-la uma tecnologia como aceitamos fazer com o computador (Ibid *apud* Franco, 1999)

O filósofo francês Lévy é um dos maiores defensores das novas tecnologias de nossos tempos. Ele escreveu, inclusive, uma obra utópica, Cibercultura, na qual defende que está surgindo um novo espaço sociológico, onde poderá se realizar uma nova cultura e a verdadeira democracia. Os sujeitos desse espaço “do saber” (Ciberespaço) formam também uma inteligência coletiva (Cibercultura).

O Ciberespaço (que também chamarei de rede) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (Lévy *apud* Franco, 1999).

O ciberespaço criou uma nova sociedade, um "sexto continente", conforme artigo de Heerdt, onde afirma:

A Internet fez nascer o sexto continente. Sim, porque se multiplicaram as zonas francas que não têm nada a ver com os estados nacionais, com as pertencas territoriais e tipo de fronteira. (...) A Internet, com um simples clicar, elimina as barreiras geográficas, físicas, políticas..., oferece a possibilidade de se agregar e de aumentar a interação em nível universal. Essa é a nova sociedade da informação global.. (Heerdt, 2000).

Mercado (1999) afirma que "as interações mediadas eletronicamente estão rompendo a compreensão da distância e da escala de tempo, de tal forma que o sistema de decisão torna-se planetário, sem fronteiras ou limites."

Com a criação de uma nova sociedade, nascem também novas ações, novos modos de agir, novas culturas. Segundo Cañellas (*apud* Tjara, 2001),

(...) utilizando a informática, o homem alcança novas possibilidades e estilos de pensamento inovador jamais postos em prática. (...) a tecnologia vai transformando, também, as nossas mentes porque de alguma maneira temos acesso aos dados, mudamos nosso modelo mental da realidade(...).

Cibercultura: nova atitude no ciberespaço

O desenvolvimento das tecnologias digitais e a profusão das redes interativas, queira-se ou não, colocam a humanidade diante de um caminho sem volta: já não somos como antes. As práticas, atitudes, modos de pensamento e valores estão, cada vez mais, sendo condicionados pelo novo espaço de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores: o ciberespaço.

O ciberespaço, ao constituir-se em um novo espaço de sociabilidade, acaba gerando novas formas de relações sociais, com códigos e estruturas próprios. Esses novos códigos não são completamente inéditos, mas sim, uma reformulação e uma ressemantização das formas conhecidas de sociabilidade, adaptadas às novas condições, tanto de espaço/tempo virtuais quanto de agentes sociais dinâmicos, cuja capacidade de metamorfose é levada às últimas conseqüências.

Não obstante, a cibercultura é mais que informações disponíveis na rede. É na verdade a variedade de informações, vindas de inúmeros países, pessoas de crenças,

cores, ideologias e vidas completamente diferentes, e cada navegante dessa rede pode acessar estas informações e conhecer, sob o ponto de vista de cada um, o que se passa no mundo.

"Cibercultura não é a cultura dos fanáticos da Internet, é uma transformação profunda da noção mesma de cultura" – apressa-se em explicar Lévy (*apud* Murad, 1999), em entrevista à @rchipress. Como tal, reflete a "universalidade sem totalidade", algo novo, se comparado aos tempos da oralidade primária e da escrita. É universal porque promove a interconexão generalizada, mas comporta a diversidade de sentidos, dissolvendo a totalidade. Em outras palavras: a interconexão mundial de computadores forma a grande rede, mas cada nó dela é fonte de heterogeneidade e diversidade de assuntos, abordagens e discussões, em permanente renovação.

Na Internet podem-se encontrar as mais variadas informações, ficando a critério do usuário ter acesso à informação que lhe for de melhor interesse; ao contrário da cultura impressa, que somente chega aos intelectuais, e da cultura dos *mass media*, que chegam às massas, porém com qualidade e veracidade questionáveis.

Conforme Leclerc :

A Internet instaura uma democracia discursiva à escala mundial, ao operar uma desestruturação das hierarquias antigas entre mensagens, instala também uma espécie de anarquia discursiva. Todos os discursos do mundo numa única tela. (...) São uma espécie de tagarelice internacional, de rumor mundial (Leclerc 1999).

Sacristán alerta que

A rede por si só transforma-se em conhecimento generalizado, algo que não tinha acontecido, nem de longe, com a biblioteca. Disponibilidade de informação pode ser oportunidade de melhor conhecimento e também de mais superficialidade. (Sacristán, 2002).

A cibercultura mundializa visões díspares e modos de organização social contrastantes, sem favorecer pensamentos únicos. Congrega forças, ímpetos e desejos contraditórios, com a peculiaridade fundamental — apontada por Pierre Lévy — de universalizar sem totalizar. Na direção aqui proposta, a totalidade tem a ver com a descontextualização dos discursos, que possibilita o domínio dos

significados, o anseio pelo todo, a tentativa de instaurar em cada lugar unidades de sentido idênticas. A noção de totalidade busca bloquear a pluralidade de contextos e a multiplicidade de segmentos que neles deveriam intervir.

Já o ciberespaço configura-se como um universo indeterminado, sem controles e hierarquias aparentes, sem local nem tempo claramente assinaláveis. Conceituando totalidade como "unidade estabilizada de sentido", Lévy a ela contrapõe a vitalidade da cibercultura, que "inventa uma forma de suscitar uma presença virtual da humanidade diante de si mesma, diversa da imposição de uma unidade de sentido". O gnomonitismo semântico rompe-se na medida em que a universalidade do ciberespaço possibilita a interconexão dos seres humanos, por integração efetiva à inteligência coletiva não-massiva e não-totalizável, em um meio ubíquo, paradoxalmente operado por uma tecnologia real. O filósofo francês acentua que a cibercultura, ao preservar a universalidade dissolvendo a totalidade, corresponde ao momento em que nossa espécie, pela globalização econômica e pelo adensamento das redes de comunicação e transporte, tende a formar uma única comunidade mundial, ainda que desigual e conflituosa. Esta megacomunidade, conquanto tenha forte dose de globalismo, universaliza-se por contato e interação, e não por homogeneização.

Cibercultura: futuro promissor ou nova forma de exclusão?

A globalização é duramente criticada, pois está a cada dia mais favorecendo o enriquecimento dos mais ricos e o empobrecimento dos mais pobres. A cada dia o número de excluídos no mundo é multiplicado e a era da Informação Digital está criando uma nova espécie de excluídos: os excluídos digitais, aumentando assim as desigualdades.

Freqüentemente eu penso que nossas sociedades estarão em pouco tempo (ou elas já estão divididas) em duas classes de cidadãos: aqueles que apenas assistem televisão, que receberão imagens pré-fabricadas e portanto definições do mundo também pré-fabricadas, sem nenhum poder para escolher criticamente o tipo de informação que eles recebem, e aqueles que conhecem como utilizar o computador, que estarão habilitados para selecionar e para elaborar informação. (Éco *apud* Franco, 1998).

No Brasil os excluídos digitais são muitos. Embora o Governo venha tentando colocar computadores nas escolas públicas, esse benefício não chega a todas as escolas, pois existem em nosso país escolas aonde não chegou sequer energia elétrica ou saneamento básico, muito menos computadores. Existem escolas que já receberam seus computadores há alguns anos, porém não se faz sua manutenção e em consequência disso é que já se tornaram sucata – assim como televisões, vídeos e retroprojetores. Alguns equipamentos destinados às escolas não têm *drive* de CR-ROM e placa de fax-modem, impossibilitando o acesso a bibliotecas virtuais, seja através de CD-ROM seja pela Internet. A essas últimas escolas poderemos classificá-las como semi-excluídas digitais.

Sobre a exclusão digital Sancho afirma:

A Internet é uma porta aberta que não deveria ser fechada para ninguém, nem por desconhecimento da ferramenta (que nos dará a medida das suas possibilidades), nem pelos custos que representa a sua utilização. (Sancho, 1998).

Para Lévy, a exclusão é uma consequência da evolução, conforme texto abaixo:

Cada novo sistema de comunicação fabrica seus excluídos. Não havia iletrados antes da invenção da escrita? A impressão e a televisão introduziram a divisão entre aqueles que publicam ou estão na mídia e os outros. Como já observei, estima-se que apenas pouco mais de 20% dos seres humanos possui um telefone. Nenhum desses fatos constitui um argumento sério contra a escrita, a impressão, a televisão ou o telefone. O fato de que haja analfabetos ou pessoas sem telefone não nos leva a condenar a escrita ou as telecomunicações - pelo contrário, somos estimulados a desenvolver a educação primária e a estender as redes telefônicas. Deveria ocorrer o mesmo com o ciberespaço. (Lévy *apud* Franco 1999)

Ramal afirma:

Alguns atribuem a essas formas de educação via tecnologia problemas dos quais elas não são causa, como, por exemplo, a falta de verbas para o ensino público, a massificação do ensino, a substituição dos professores pelas máquinas. (Ramal, 2002).

Lévy (*apud* Murad, 1999) aposta que,

Para diminuir o número de excluídos o aumento das conexões, com a queda de preços nos serviços é a solução, e alerta: mais do que garantir o acesso é preciso assegurar as condições de participação no ciberespaço.

Existem ainda outros problemas relacionados à cibercultura:

A) a cibercultura como sinônimo de caos;

B) a ameaça às culturas e à diversidade de línguas (em miúdos, o domínio do inglês)

Às críticas quanto ao domínio da língua inglesa, Lévy (*apud* Murad, 1999) responde que “é uma questão de iniciativa, pois qualquer um pode colocar no ar mensagens em chinês, grego, alemão”.

Para Sancho, a questão do predomínio da língua inglesa na Internet tem dois pontos:

Um aspecto negativo dessa situação é que as fontes de informação podem possuir desvios devido ao domínio cultural anglo-saxão, o que poderia afetar a diversidade cultural e as diferentes maneiras de ver o mundo. O lado positivo é a existência de uma espécie de nova “língua franca” que pode contribuir para um aperfeiçoamento da comunicação entre as pessoas. (Sancho, 1998)

Segundo Mercado (1999), “a Internet está inevitavelmente comprometida com a transnacionalização e uniformização da cultura, atuando como fator de aculturação e deculturação.” Claramente a Internet leva culturas dominantes para várias regiões do mundo e conseqüentemente essas regiões vão absorvendo novas idéias, novos conceitos, novos vocabulários.

Lévy (*apud* Murad, 1999) afirma que as críticas à cibercultura traduzem a ignorância e o desejo de manutenção de poder. “...porque há poderes e monopólios que estão ameaçados. Muitos intelectuais são diretores de coleção nas editoras, professores que animam as revistas e aí, com a rede, há todo um movimento de comunicação que escapa às redes tradicionais”.

Quanto à popularidade da Internet e a sua massificação, parece mesmo que os que estão no poder não querem que as informações de alta qualidade cheguem aos menos favorecidos. Os *mass media* perceberam a grande mudança que a Internet

promoveria e que logo ela ficaria tão popular que ameaçaria a sua hegemonia. Logo, procuraram se consolidar também neste novo meio de comunicação e criaram seus próprios provedores de acesso, nos quais os *links* levam somente para as informações predefinidas por eles, e assim continuam a manipular os dados aos quais os internautas terão acesso. Vale lembrar que os termos conectividade, globalização, *link*, viraram palavras de ordem nas campanhas publicitárias da qual a Internet foi tema. Mas fica difícil citar *links* dos *sites* da Rede Globo, por exemplo, que nos levam a informações de teor verdadeiramente cultural. Os *links* somente nos levam a programas da própria emissora, jogos, pornografia, enquetes pouco relevantes para mudanças significativas para nosso país, entre outros lixos. A continuidade da ignorância do povo “faz parte” do plano dos que estão no poder, para continuar no poder, sem restrições.

Conclusão

Vemos atitudes diárias serem modificadas sem que sejam primeiramente pensadas. Criticamos um gerente bancário por não ter um endereço de *e-mail* para que possamos enviar-lhe informações importantes e tenhamos que ir até ao banco para poder entregar-lhas em mãos. Recebemos inúmeras propostas de comércio via *e-mail* e ficamos a nos perguntar como descobriram seu endereço eletrônico. Criamos vários endereços eletrônicos para diferentes tipos de correspondência. Mudamos e até inventamos nomes, idades, profissões, aparências para agradar inúmeros ciberamigos (amigos virtuais). Fazemos compras pela Internet. Enviamos *e-cards* e flores virtuais e não mais cartões impressos e flores com o verdadeiro e doce perfume. Não falamos mais ao telefone (por motivos econômicos) com nossos amados parentes e amigos – um *e-mail* é mais rápido e barato para contar as novidades. Ficamos horas na frente do computador, pesquisando, digitando, brincando, vendo o sol que brilha na praia de Bora-Bora enquanto o sol brilha lá no nosso quintal onde nossos filhos estão brincando. Apesar de que nos nossos dias é mais fácil encontrá-los brincando em outro computador...

Conclusão: nossa geração não foi preparada para utilizar com inteligência as tecnologias que nos foram disponibilizadas. Cabe agora prepararmos uma nova geração, crítica e valorizadora da vida. Somente a educação pode alcançar esse objetivo.

Precisamos trabalhar, além da crítica, a ética dentro do ciberespaço: a ciberética, conforme Moraes expõe:

A Internet constitui uma vida comunitária regulada por interações, e não por leis, decretos, portarias ou "medidas provisórias". Os seres orgânicos das comunidades virtuais, desvinculados da coincidência histórica entre espaço e tempo, fazem valer o salvo-conduto para estar em toda parte sem sair do lugar. Longe de dispensar os indivíduos de deveres éticos, o ciberespaço propõe uma coexistência auto-regulada, em constantes revisões. Longe de padronizar condutas com base numa "maioria moral" (normas e interdições a serviço das totalidades dominantes), a ciberética apóia-se em regras e valores consensuais estabelecidas pelas células de usuários, respeitando-se a pluralidade de contextos, os projetos societários e, acima de tudo, a liberdade de manifestação do pensamento. (Moraes, 2000).

Ainda assim precisamos também ajudar os futuros internautas a lidar com essas novas tecnologias, conforme Sacristán afirma:

Não podemos esquecer que seus efeitos (das novas tecnologias) são produzidos em indivíduos singulares a quem podemos capacitar. Não devemos cair no encantamento ingênuo de dar por certo que o progresso técnico traz necessariamente o humano e o social (compreendido o da cultura e o da educação), como difunde a ideologia que vende a tecnologia. (Sacristán, 2002).

É indispensável uma estratégia preventiva também na Internet, para ajudar a valorizar suas enormes possibilidades e evitar os riscos, que não são nem pequenos nem poucos. Encontros e seminários estão sendo realizados no mundo inteiro para desenvolver e aplicar a Internet à educação e ao mesmo tempo prevenir a educação dos riscos da rede no 3º milênio.

(...) Cabe à escola preparar cidadãos para a "leitura" e "escrita" dos elementos que constituem a linguagem audiovisual,

não só numa perspectiva técnica, como também em seu aspecto ético de divulgação de mensagens. É preciso educar para uma interação crítica com a mídia audiovisual, onde desmistifique-se e se relativize sua estética ilusionista (...) (Pinto *apud* Franco, 1999)

Lévy, novamente, nos ajuda a compreender que:

Se faz urgente o acompanhamento consciente de uma mudança de civilização que coloca profundamente em discussão as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e notadamente os papéis de professor e de aluno. O que está em discussão na cibercultura, tanto no plano das baixas dos custos quanto do acesso de todos à educação não é tanto a passagem do "presencial" à "distância", nem do escrito e do oral tradicionais à "multimídia". É, sim, a transição entre a educação e uma formação estritamente institucionalizada (a escola, a universidade) e uma situação de intercâmbio generalizado dos saberes, de instrução da sociedade por si mesma, de reconhecimento autogerido, móvel e contextual das competências (Lévy *apud* Franco, 1999).

Lévy afirma ainda:

Estamos numa época em que é necessário convocar as pessoas para um novo humanismo, que inclui e amplia o "conhece-te a ti mesmo" para um "aprendamos a nos conhecer para pensar juntos". Que generaliza o "penso, logo existo" em um "formamos uma inteligência coletiva, logo existimos como comunidade". Ou pensamos e agimos juntos, ou então valerá mesmo a máxima do capitalismo consumista moderno: compro, logo existo! (Lévy, *apud* Heerdt, 2000).

É papel da escola formar indivíduos - crianças e professores - que saibam usar crítica e criativamente o computador - tecnologia social e histórica como o cinema, a fotografia, a pena, a impressão e a escrita. É papel da escola democratizar o acesso a mais um instrumento de criação (humana) (Nogueira, 1998).

Conforme Mercado,

A realidade atual freqüentemente exige pouca participação, devido a cultura de massa, em que se escuta a voz de poucas pessoas e vivencia-se aos outros gerando muito contentamento virtual e pouca vida própria que envolva "o fazer o mundo". Mas a educação frente a este mundo atual necessita ir na direção oposta a isto e por isso sua função é educar (tirar de um lugar e levar para outro). Para esta tarefa abrangente e ambiciosa, precisa contar com a mesma tecnologia disponível e freqüentemente usada para o contrário. (Mercado, 1999).

Sobre como educar indivíduos a trabalhar com a Internet, Mercado afirma:

Buscar a informação é uma habilidade que se adquire através da prática continuada e reflexiva, melhorada através de uma autocrítica contínua. Com isso, preparar um sujeito capaz de buscar a informação, de valorizá-la, de selecioná-la, de estruturá-la e de incorporá-la a seu próprio corpo de conhecimentos. (Mercado, 1999).

O desafio com o qual a escola se defronta neste momento é trabalhar o uso crítico do aluno sobre o que se está acessando na Internet para que ele no futuro não se torne, mais uma vez, vítima de más influências, notícias manipuladas e um objeto nas mãos dos poderosos. Isto significa estimular a percepção consciente e a discussão crítica das mensagens que estão disponíveis na rede. Acreditamos que se de fato a incorporação, ao cotidiano escolar, das linguagens da tecnologia que se apresentam hoje como possíveis, não ocorresse apenas como mais um "instrumento pedagógico", um meio facilitador de ensinar e aprender, quem sabe "empurraria" nossas escolas para, de fato, repensar e ressignificar o processo de construção e apropriação dos saberes.

Eco afirma:

Está claro que a atitude do homem de cultura deve ser elaborar uma nova imagem do homem em relação ao sistema de condicionamentos; um homem não-libertado pela máquina, mas livre em relação à máquina. (Eco, apud Ramal, 2002)

A cibercultura, dentro dos limites da Rede Mundial de Computadores, pode vir a ajudar a humanidade a chegar a um ponto de igualdade jamais visto. Porém, a globalização, apitando o jogo a favor dos mais favorecidos, não permitirá que a cibercultura chegue junto ao ciberespaço, onde realmente necessita chegar: às populações miseráveis, ainda mais excluídas dessa nova sociedade digital e intelectual.

Referência

ARMSTRONG, Alison; CASEMENT, Charles. A Criança e a Máquina – Como os Computadores Colocam a Educação de Nossos Filhos em Risco. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

FRANCO, Marcelo Araújo; SAMPAIO, Carmen Sanches. Linguagens, Comunicação e Cibercultura: Novas Formas de Produção do Saber. <http://www.revista.unicamp.br/infotec/educacao/educacao5-1.html>. Junho/1999.

FRANCO, Marcelo. A Magnitude da Informação Digital. A Revista de Informação e Tecnologia. Informática na Educação nº 2. <http://www.revista.unicamp.br/infotec/educacao/educacao2-1.html>. Setembro/1998.

GUIMARÃES Jr, Mário José Lopes. A Cibercultura e o Surgimento de Novas Formas de Sociabilidade. <http://www.cfh.ufsc.br/~guima/ciber.html>. 1997.

HEERDT, Mauri Luiz. O Sexto Continente? Jornal Missão Jovem pag. n. 8 – nº 142. <http://www.pime.org.br/pimenet/missaojovem/mjinforsexto.htm>. Jan e Fev/2000.

LECLERC, Gerard. A sociedade de Comunicação – Uma Abordagem Sociológica e Crítica. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. Formação Continuada de Professores e Novas Tecnologias. Maceió: Edufal, 1999.

MORAES, Dênis de. A Ética Comunicacional na Internet. <http://www.bocc.ubi.pt>. Julho/2000.

MURAD, Angèle. Cibercultura. Ciberlegenda – Número 2. <http://www.uff.br/mestcii/angele2.htm>. 1999.

RAMAL, Andréa Cecília. Educação na Cibercultura – Hipertextualidade, Leitura e Aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SACRISTÁN, J. Gimeno. Educar e Viver na Cultura Global – as Exigências da Cidadania. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANCHO, Juana M. Para uma tecnologia Educacional. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TAJRA, Sanmya Feitosa. Informática na educação – Novas Ferramentas Pedagógicas para o Professor da Atualidade. 3ª ed. São Paulo: Editora Érica, 2001.